
**O jornalismo literário na narrativa de Ryszard Kapuściński:
uma análise da obra “*Minhas viagens com Heródoto*”**

**The Literary Journalism in the narrative of Ryszard Kapuściński:
an analysis of “My Travels with Herodotus”**

Gisele Cristiane Urnau dos PRAZERES⁶²

Carlos Eduardo CANANI⁶³

Luiz Henrique ZART⁶⁴

RESUMO

Este artigo indica características do jornalismo literário presentes na obra *Minhas viagens com Heródoto*, de Ryszard Kapuściński, jornalista humanitário, próximo dos cidadãos. Para isso, utiliza-se, em sua escrita, uma pesquisa exploratória, para encontrar características do gênero literário. Expõe-se, ainda, uma biobibliografia do autor e suas implicações para o livro ora analisado, buscando preencher uma lacuna teórica da área.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Ryszard Kapuściński; *Minhas viagens com Heródoto*.

ABSTRACT

This article indicates characteristics of Literary Journalism in the work *Minhas viagens com Heródoto*, of Ryszard Kapuściński, humanitarian journalist. To achieve that, it utilizes an exploratory research into its writing, to find characteristics of literary genre. It also presents the author's brief biobibliography and its implications to the analyzed book, in order to fill a theoretical field blank.

KEYWORDS: Literary Journalism; Ryszard Kapuściński; *Minhas viagens com Heródoto*.

INTRODUÇÃO

1 Recém-graduada em Jornalismo pela Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac); Pós-graduanda em Marketing Digital pela Universidade do Norte do Paraná (Unopar), e-mail: giselecrisianeurnau2011@hotmail.com

⁶³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac). Mestre em Educação (Uniplac). Especialista em Línguas Modernas e Interdisciplinaridade - Português/Inglês pela Faculdade Estadual de Educação, Ciência e Letras de Paranaíba (FAFIPA). Graduado em Letras, línguas portuguesa e inglesa (Uniplac), e-mail: caducanani@uniplaclages.edu.br

⁶⁴ Pós-graduando em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Araraquara (Uniar). Graduado em Jornalismo pela Uniplac e professor do curso na mesma instituição. E-mail: luizhenriquezart@hotmail.com

A presença do jornalismo literário destaca-se como alternativa aos modelos da imprensa tradicional, tendo em vista a superficialidade do factual. A obra de Ryszard Kapuściński tem como característica um jornalismo com ascendências literárias, que se revelam a partir da subjetividade dos textos e narrativas literárias. O resultado é um modelo detalhista e descritivo, sobretudo quando, ao construir seus relatos, é carregado de sensibilidade e presta atenção ao cotidiano. Este quebra-cabeças de influências vem da formação do autor polonês, um historiador-jornalista que, a partir de sua carreira como correspondente internacional, publicou 21 obras narrando suas inúmeras vivências em visitas a diversos países.

Isto posto, desenvolve-se a proposta de apresentar uma opção a ser seguida em meio à temática da superficialidade da notícia, em defesa do modelo de jornalismo contextual e de qualidade, o presente trabalho constitui-se acerca da problemática de verificar: quais características do jornalismo literário estão presentes na obra *Minhas viagens com Heródoto*, de Ryszard Kapuściński?

A obra escolhida para análise é a última publicada pelo autor, em 2006, na qual ele discorre sobre como tudo começou, ou seja, sua carreira como correspondente internacional. De um sonho de cruzar a fronteira para realidades extensas e intensas de inúmeras nações, com seus diversos conflitos e comunidades à espera de alguém que lhes ouça, Ryszard Kapuściński surge em *Minhas viagens com Heródoto*, em 305 páginas de muitas histórias carregadas de poesia, realidade e sentimento.

Deste modo, o estudo apresenta ao longo de sua estruturação alguns conceitos acerca do que é o jornalismo literário, além de apresentar como ele está inserido na trajetória do autor em análise. Vale destacar que este artigo é um recorte de um trabalho de conclusão do curso de jornalismo, que possui a proposta de defender um modelo de jornalismo atrelado aos aspectos literários, baseando-se na obra do autor analisado.

JORNALISMO LITERÁRIO

O jornalismo literário, como dita Sampio (2009) apresenta-se como uma forma alternativa de se fazer jornalismo e vem resgatar o que de melhor a literatura proporcionou

para o meio jornalístico: o material humano na forma de narrar, ou seja, do olhar atento àqueles que não são vistos pela sociedade em geral. Característico de uma narrativa carregada da presença do autor/jornalista, o jornalismo literário sofre com críticas perante a veracidade dos fatos, ao considerar que o texto pode não seguir um dos requisitos básicos do jornalismo tradicional: a neutralidade ao contar o fato. Antes de reiterar ou não tal julgamento, faz-se necessário compreender teoricamente o que se chama de jornalismo literário. Há definições que o tratam como forma singular de ser, ou seja, cada nação tem um conceito e definição específicos para a área, como aponta Lima (2004, p. 183, grifos do autor):

Os norte-americanos aplicam como o termo jornalismo literário para designar a narrativa jornalística que emprega recursos literários. Os espanhóis a denominam de periodismo informativo de *creación*. Esse emprego é necessário porque, para alcançar poder de mobilização do leitor e de retenção da leitura por sua parte, a narrativa de profundidade deve possuir qualidade literária.

Essa qualidade literária diz respeito à presença de detalhes que não só despertam o interesse do leitor, mas que importam para ele, e, mais que isso, possuam significância e relevância pessoal. O que é colocado em discussão é a maneira como o profissional deve agir para chegar até esses detalhes ou, então, transmiti-los de modo que imprima, em cada uma das palavras, a sensibilidade de cada pormenor que construirá o fato por completo, a chamada subjetividade. Diante disso, o que seria o jornalismo literário? Há outros teóricos que caracterizam-no apenas como um texto de maior predominância de adjetivos, tornando-o superficial. Pena (2013, p. 21) define que

[...] como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia.

Assim, não pode ter como premissa apenas o compromisso com a verdade irrefutável, um dos preceitos do jornalismo tradicional, mas a busca por métodos que transmitam o que o entrevistado está sentindo, que trate do “[...] perfil humanizado, que se caracteriza pela abertura e proposta de compreensão ampla do entrevistado em vários aspectos, do histórico de vida ao comportamento, dos valores aos conceitos” (LIMA, 2004, p. 93). Isso proporciona ao leitor uma visão ampla dos personagens, assim como de seu comportamento, dos problemas e de sua realidade. Essas são questões necessárias ao jornalismo contemporâneo, em decorrência da falta de proximidade para com essas pessoas esquecidas pela mídia.

Nesse ponto, é válido refletir: o conceito de jornalismo literário é possível a partir da ideia de literatura enquanto linguagem com preocupação estética, elaborada de forma artística, de acordo com o que indica Ormaneze (2013). Para ele, não se trata de ficção, impressão gerada pela utilização da literatura na composição do texto. No entanto, importa lembrar que a linguagem é aspecto essencial da literatura: assim, é “essa concepção que torna possível uma abordagem do real, do observável e checado pelo repórter de uma maneira criativa, que fuja aos moldes tradicionais, consolidados pelo lide e a pirâmide invertida” (ORMANEZE, 2013, p. 2). A liberdade estilística gerada surge da compreensão de que os sujeitos carregam, por natureza, certa subjetividade e historicidade. Por isso, é pontual “[...] entendê-lo como possível de objetividade, neutralidade e isenção é uma falácia, porque seria uma incoerência em relação à própria constituição do ser humano” (ORMANEZE, 2013, p. 2).

A Tríade da Humanização, formulada por Fabiano Ormaneze (2013), que compreende este aspecto fundamental do Jornalismo Literário de não tratar apenas da valorização da experiência humana do outro, mas como um processo que considera também as experiências do repórter e do leitor. A tríade se manifesta da seguinte forma:

Ao repórter, são dadas a possibilidade e o direito de contar também suas experiências no texto, colocar sua voz, detalhar seu processo de apuração e escrita e a possibilidade de desenvolver uma narrativa com estilo, símbolos e metáforas. O personagem, protagonista da narrativa jornalística, é mostrado com o maior número possível de características. Ele é o centro do texto e a partir do que tudo se desenvolve, explica-se e constrói-se. Ao leitor, ao final, cabe também a humanização decorrente da identificação. Como é apresentada a ele

uma história de vida, ele tem o direito de se reconhecer nas linhas que lê ou de rejeitar tal experiência (ORMANEZE, 2013, p. 3).

O processo se daria, conforme aponta Vilas Boas (2003, p. 14), por meio da empatia, “a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem”. O jornalista, então, em um processo de observação e escuta, compartilharia de alegrias e tristezas, e se imaginaria a partir do ponto de vista do interlocutor, algo que facilita tanto o autoconhecimento de quem escreve quanto o de quem lê (ibidem). Neste sentido,

é como se fosse feito um retrato desse personagem, expondo suas características, pontos fracos, amizades, inimidades, sonhos, formas de ver o mundo... Ao final do texto, espera-se que o leitor tenha elementos suficientes para conhecer esse personagem, criando ou não afinidade com ele (esperar que, necessariamente, todos criassem afinidade seria desconsiderar as características do ser humano e sua diversidade) (ORMANEZE, 2013, p. 6).

Diante disso, o jornalismo literário não comprometerá a função social da profissão, mas torná-la mais próxima das pessoas e de suas histórias de vida. O gênero usa alguns artifícios da literatura, como a presença de um enredo, da subjetividade do autor, da utilização de metáforas e da contextualização dos fatos, mas não deixa de manter o verossímil na narração, o que permite a dedução e a interpretação, sem que haja a ausência do universo do ocorrido. Busca-se sentir e melhor compreender os acontecimentos por meio da entrevista, a qual permite maior entendimento do acontecimento, seu contexto e as reações que suscita. São verificados gestos, olhares, pausas e até silêncios, cuja compreensão caberão à interpretação ao estabelecer correlações e inferências.

Vale ressaltar que ocorre, mais que uma mudança no fazer jornalístico, uma alteração da postura do profissional, que passa a se preocupar com três aspectos: Humanização, Compreensão e Empatia. A proposta é ressaltar o personagem além da fonte; o narrador que se sobrepõe ao jornalista; e o foco no cenário, nos hábitos, sensações e outros detalhes que não seriam notados no texto dito objetivo. Sobretudo, conforme destaca Martino (2014, p. 22), se adentra ao mundo cotidiano que escapa à reflexão, em uma realidade linear e reduzida

a uma compreensão limitada. Desta forma, o cotidiano se configura enquanto narrativa a partir da perspectiva da compreensão, “dos pontos de vista e das possibilidades de se narrar/construir o mundo” (Ibidem, p. 24). É, também, um exercício de alteridade para o jornalista, especialmente quando

a ordem do encontro com o outro, que difere, mas não necessariamente diverge, do encontro com o si-mesmo, não deixa de requerer também o reconhecimento de uma racionalidade que dialoga com o afeto e com seu duplo, o irracional. É nesse espaço que se coloca, talvez ainda mais diretamente, o problema da compreensão: entender como é possível se aproximar desse outro, dessa alteridade absolutamente fechada e ao mesmo tempo aberta para mim, na medida em que também estou pronto para adotar, perante mim mesmo, uma postura reflexiva (MARTINO, 2014, p. 21).

Conforme pontua o autor (ibidem, p. 31), na tarefa de compreender o outro, o jornalista envolve-se numa “ação constante, imensa, no entretecer contínuo de um espaço em que o sujeito reconhece a si mesmo como incompleto, e, nessa incompletude, encontra na alteridade pistas para entender o relacional”. Ao tentar entender o outro, o jornalista pode tentar “igualmente pensar como o outro e a partir do outro”, considerando suas concepções de mundo, suas práticas e costumes. Isso envolve, em certa medida, pensar no outro. Desta forma:

Abraçar outras narrativas é compreender outros conhecimentos, outros modos de ver o mundo, como possibilidades para se ver também outros mundos. É entender as narrativas do outro como os seus modos de me apreender nessas narrativas, da mesma maneira como minhas narrativas sobre o mundo são contínuas apreensões desse mundo. O pensamento compreensivo, operacionalizado em termos metodológicos, pauta-se na abertura para tentar ver o que o outro está vendo, conhecer o mundo pelo conhecimento do outro [...] (MARTINO, 2014, p. 24-25).

No momento em que se conta uma história, seguindo esta perspectiva (ibidem), é preciso “necessariamente transformar a sincronia de uma realidade complexa na diacronia das palavras, temas e assuntos mais ou menos encadeados”, que formam um dos “mundos

possíveis” do jornalismo como narrativa, conforme indica Alsina (apud MARTINO, 2014), isto é, um mundo de representações de mundo tecidas no cotidiano.

Portanto, acredita-se e espera-se que o viés de produção jornalística e literária ganhe força para que as pessoas sintam que, ao ler uma matéria, estarão lendo gratificadas, ou seja, estarão satisfeitas com a sua qualidade. E não se pode esquecer que “o Jornalismo Literário continuou e continuará a fornecer a intimidade, a sutileza e a arte que precisamos para entender o mundo e nossos tempos” (BAK, 2017 p. 241).

Para exemplificar esse modelo de jornalismo, apresenta-se Ryszard Kapuściński, historiador que exercia a profissão jornalística sob olhares que resultavam em literatura o material que produzia. Seu conteúdo, um compilado de suas vivências nas diferentes nações em que esteve presente, participando das atividades as quais narrava. O polonês do jornalismo de detalhes traz na pele e nas páginas de suas obras o próprio jornalismo literário.

RYSZARD KAPUŚCIŃSKI E O JORNALISMO EM FORMA DE POESIA

Ryszard Kapuściński, polonês nascido na cidade de Pinsk, em 1932, tinha como característica nata a humildade e o respeito ao próximo, estampadas no decorrer de páginas que moldam o seu trabalho, tornando-o, graças a isso, mais próximo das pessoas. Estas posições são evidenciadas por consequência do estilo adotado pelo autor, o que, certamente, se reflete na obra aqui considerada. Entende-se que, com isso, exercitando a empatia, a compreensão e a humanização do próximo, Kapuściński corresponde às características de um jornalista literário. Assim, vale ressaltar que, antes mesmo de sua formação acadêmica, já ingressara em uma profissão aos 17 anos, na revista *Hoy y mañana*, na qual começou escrevendo poemas. “Ele conta que assim que terminou o colégio começou a trabalhar como jornalista” (BERGER, 2007, p. 179).

Já aos 18 anos, em 1950, deu início aos estudos em história pela Universidade de Varsóvia. Nesse momento de sua vida, colaborou com a revista *Sztandar Młodych* (jornal para os jovens). Ao terminar os estudos em História, Kapuściński começou a trabalhar no jornal *Sztandar Młodych* (Estandarte dos jovens), quando teve a oportunidade de sair do país pela primeira vez, rumo à Índia. Especializado em Arte, assumiu o posto de repórter pela Agência

de Imprensa Polonesa, saindo da Polônia em direção à África, no ofício de correspondente internacional. A partir de então, o autor deu início à sua jornada de aprendizado e construção de conhecimento de sua própria maneira de ver o mundo e ensinar importantes premissas que um jornalista deve seguir.

O autor defende a participação do jornalista perante aos acontecimentos, vivenciando-os e adquirindo intimidade, além de ter conhecimento do que está acontecendo além de seu território atual, manter-se informado e a par de “tudo”, sem deixar de contextualizar os eventos que acarretaram aquilo e o que poderá acontecer. Também deve ter coragem de enfrentar o desconhecido, os medos; deixar de lado o preconceito, ser humilde e ter na mente a certeza de que as pessoas são a sua matéria prima e assim, independente de quem seja, da alta ou baixa sociedade, merecem respeito da mesma forma. Esse modelo de jornalismo defendido por Kapuściński surge com o intuito de bater de frente com a superficialidade da imprensa, assim como afirma Sampio (2009, p. 62),

Entretanto, antes essa espetacularização de impacto, *desativadora*, que se impôs na imprensa, a qual busca tão só a emoção do momento e anula a reflexão, existem também, no campo do jornalismo, olhares compreensivos sobre os conflitos do mundo. Um deles é o olhar de Kapuściński, empenhado em trazer à luz as raízes profundas que alimentam esses conflitos, sem esquecer que, por trás dos números, ocultam-se realidades humanas.

Esses são olhares que visam à sensibilidade com o próximo, à compreensão para com aqueles que não a têm, à humildade com as pessoas que sofrem com os conflitos da sociedade e vivem em situações precárias sem que ninguém lhes dê visibilidade. Assim, ao longo de sua carreira, Kapuściński não se manteve preso aos impedimentos que a imprensa estabelece ao jornalismo, como as amarras direcionadas à limitação de texto, exigindo o breve e o objetivo, o que possibilitou a visualização de formas alternativas de se fazer jornalismo, a partir de investigações das pessoas que vivenciam na pele os acontecimentos, e não somente de fontes autorizadas.

Com o total de 21 obras, Kapuściński é dono de prêmios e nomeações, como o melhor jornalista do século XX, em 1999; o prêmio Príncipe das Astúrias, em 2003; Bruno Kreisky

para livros políticos, na Áustria, em 2004, e, em 2005, o doutorado *honoris causa* pela universidade catalã Ramón Llull. Devido a um ataque cardíaco, o escritor faleceu em 2007, aos 74 anos. No final do ano anterior à sua morte, chegou ao Brasil seu último livro publicado, *Minhas viagens com Heródoto*, como uma despedida.

Em relatos do início de sua carreira como correspondente internacional, Ryszard Kapuściński mescla experiências das suas viagens pioneiras ao exterior com as narradas por Heródoto, que o acompanha em *História*, uma obra que o polonês ganhara de presente de sua chefe antes de partir para sua primeira viagem, rumo a África. *Minhas viagens com Heródoto*, deixa para seus leitores a descrição de como foi o início de sua profissão, resultante do desejo de sair do país para conhecer o novo, enfrentar o diferente, aprender com outras culturas e vivenciar aquilo que tais comunidades têm de mais rico: a essência dentro de costumes, gestos, ações e apreços.

ANÁLISE DA OBRA “MINHAS VIAGENS COM HERÓDOTO”

Depois de compreender brevemente conceituações sobre o jornalismo literário, além de apresentar o autor, agora interessa contemplar a análise da obra objeto deste estudo: *Minhas viagens com Heródoto*. Para tanto, foram selecionados alguns de seus trechos. Para dar início à sua última história, a qual trata de como se deu o início de todas as outras, Ryszard Kapuściński (2006, p. 11) conta que

antes de Heródoto partir numa viagem, escalando trilhas rochosas, navegando sobre o mar e cavalgando pelos desertos da Ásia; antes de encontrar os desconfiados citas, descobrir as maravilhas da Babilônia e estudar os segredos do Nilo; antes mesmo de conhecer centenas de lugares diferentes e ver milhares de coisas que a mente não consegue absorver, ele irá aparecer, por um breve momento, na aula sobre a Grécia Antiga que a professora Biezunska-Malowist ministra duas vezes por semana aos estudantes do primeiro ano de história na Universidade de Varsóvia.

Quanto aos aspectos do jornalismo literário, no excerto acima é visível a presença do autor/jornalista, a descrição dos detalhes, a presença de subjetividade e a contextualização do

assunto, ao iniciar sua história com informações referentes a seu primeiro contato com **História**, de Heródoto. Kapuściński teve a obra de Heródoto em mãos, pela primeira vez, ao ganhá-la de presente de sua editora-chefe, ao ser indicado para uma viagem ao exterior. **História**, então, passaria a ser seu companheiro de viagem. O autor narra esse momento em seus mínimos detalhes, para que nada passe em branco:

Ao término daquela conversa, durante a qual fui informado de que partiria para o mundo, a senhora Tarlowska foi até um armário, tirou de lá um livro e, entregando-o a mim, disse: “Um presente meu para sua viagem”. Era um livro grosso, cuja capa dura estava coberta por um pano amarelado. Nela, em letras douradas, pude ler o nome do autor e o título: Heródoto. História (KAPUŚCIŃSKI, 2006, p. 20).

No campo do jornalismo literário, o trecho tem a presença do autor/jornalista, da subjetividade e da contextualização do assunto, da descrição dos detalhes que preza, além da “descrição pormenorizada da cena que reporta, [...] une a esse esforço interpretação, imaginação sobre o que vê, observação, junção do verificável e do verossímil, da realidade aparente e da realidade possível e provável” (BORGES, 2013, p. 308). Assim, o autor possibilita ao leitor a visualização da cena descrita. Destaca, na descrição de **História**, que livros como este “são tão apetitosos quanto um convite a uma mesa farta” (KAPUŚCIŃSKI, p. 25-26).

Como se vê, trata-se de uma breve afirmação, porém, com um número consideravelmente grande de características literárias. A começar pelo trecho “tão apetitosos”, uma complementação do advérbio de intensidade “tão” com o adjetivo “apetitosos”, transmite, a quem lê, a certeza de um bom livro. Ainda, ao sugerir a comparação com “uma mesa farta”, é possível observar a exposição das características de simbolizar a realidade, metaforizar os fatos, traduzi-los por meio de comparações, “encaminhamentos narrativos que o Jornalismo Literário não só admite, como estimula, unindo eficiência informativa e criatividade no cumprimento dessa tarefa” (BORGES, 2013, p. 308). Características que fazem brilhar os olhos ao lê-las em uma frase qualquer. Elas são também perceptíveis quando Kapuściński fala de sua visão de dentro do avião, ao ingressar para a Índia, seu primeiro destino ao exterior. Nessa descrição, o autor conta:

Debaixo de mim, toda a enorme área que sobrevoávamos estava preenchida por luzes. Eram luzes intensas, que incomodavam os olhos, difusas e cintilantes. A impressão que se tinha era de que lá no fundo brilhava uma matéria líquida, cuja superfície resplandecente pulsava com luminosidade, se elevava e decaía, espalhava-se e se contraía, e que todo aquele panorama iluminado era algo vivo, cheio de movimento, vibração e energia (KAPUŚCIŃSKI, 2006, p. 21).

O trecho acima, repleto de adjetivos e comparações, ao sugerir o objetivo material como algo vivo e apresentar narração em primeira pessoa, traz as impressões do autor, suas interpretações, além dos sentimentos e estados sob a situação. A partir de suas experiências, o polonês emprega a comparação, novamente, ao tratar do confronto entre Leste e Oeste, ao afirmar que este

[...] não se limitava a aspectos militares – ele incluía todos os demais campos. Se no Leste se trajavam roupas leves, no Oeste, pelo direito de oposição, usavam-se as pesadas; se no Leste as roupas eram ajustadas ao corpo, o Oeste adotava a postura contrária – tudo tinha que parecer estar a quilômetros de distância. Os passaportes não eram necessários – de longe, podia-se reconhecer quem pertencia a que lado da Cortina de Ferro (KAPUŚCIŃSKI, 2006, p. 22).

A partir da passagem, percebe-se um dos métodos de captação dos detalhes de Kapuściński. Ele não se limitava aos acontecimentos centrais, mas analisava as pessoas que sentiam, na pele, tais eventos. Discursava sobre o que essas situações causavam na vida dos indivíduos, transcrevia suas características, gestos, emoções, modos de vestir etc. Sendo assim, vale pontuar um diferencial na narrativa de Kapuściński. Ao verificar que não há a presença de “identificações precisas, ele não informa sobre as datas dos acontecimentos nem reproduz declarações ainda que seus textos estejam repletos de dados, números e estatísticas” (BERGER, 2007, p. 183). Da mesma forma, não há elementos que informem quando o relato ocorreu, a não ser por turnos e lugares. Ainda, Kapuściński preza pelo contato próximo com a sociedade, o qual idealizou como método de trabalho, e bate de frente com o que o advento da

internet provocou no meio jornalístico, o contato mecânico, sem interação, sem o que é humano. Como o autor mesmo afirma,

a tecnologia, ao limitar o contato interpessoal a sinais eletrônicos, empobrece e asfixia a rica linguagem não verbal por meio da qual Negusi e eu nos comunicamos incessantemente, mesmo sem nos darmos conta disso. Esse linguajar sem palavras, que se baseia nas expressões do rosto e sobretudo em gestos sutis, é muito mais sincero e verdadeiro do que a língua dita ou escrita, já que ele não oculta nem mentiras nem falsidade. E foi por causa disso que a cultura chinesa, querendo permitir ao homem dissimular seus pensamentos perigosos, desenvolveu a arte da face imóvel, de uma máscara impenetrável e de um olhar vazio, uma cortina atrás da qual se podia esconder a verdade (KAPUŚCIŃSKI, 2006, p. 206).

Ao descrever sua interação com o motorista que o levava para onde desejava visitar, Kapuściński defende a comunicação não verbal e o que de mais sincero ela carrega: olhares, expressões do rosto, movimentos e gestos, ações que tornavam possível a compreensão de um com o outro sem a utilização de expressões, apenas duas, as únicas conhecidas pelo motorista no idioma inglês: *problem* e *no problem*.

Diante disso, é possível compreender como Kapuściński constrói suas narrativas. Estas recebem pontos de inspirações vindas de Heródoto de Halicarnasso, a partir do livro **História**, escrito no século V antes de Cristo. A obra de Heródoto descrevia desde a expansão do império Persa a batalha de Salamina, enquanto Kapuściński vivenciava o que se passava na Índia, China ou até mesmo o Congo. Para construir seu livro, o autor de *Minhas viagens com Heródoto* narra suas experiências contextualizando com eventos do passado, relatados em *História*.

Ao final da obra aqui analisada, Kapuściński descreve, a partir de três itens, como se dá a narrativa de Heródoto, por meio de características que aprendeu a exercitar em seu próprio texto e que também deixa como dica para quem se dispor a escrever uma bela história. Tem-se, então, as particularidades sobre as quais o texto de Heródoto se constituía, assim como o de Kapuściński: as inúmeras experiências que construíam suas bagagens culturais a

partir da memória, resultantes dos fatos que vivenciavam e interpretavam, sentiam e pensavam sobre tais ocorridos. Com isso, Kapuściński defende que

[...] não foi a história real que lhe serviu de fonte em suas pesquisas, e sim aquela recontada, aquela transmitida pela sensibilidade dos que a ouviram, aquela memorizada de maneira seletiva e então recontada intencionalmente. Em suma, não se trata de uma história objetiva, mas da história que quis contar seu narrador. E não há uma saída para remediar as divergências de pontos de vista. Podemos tentar minimizá-las ou atenuá-las, sem jamais atingir a perfeição. A subjetividade e sua presença deformadora sempre farão parte da história. O nosso grego, ao se dar conta disso, toma algumas precauções retóricas: “como me foi dito”, “como afirmam”, “apresentam o assunto de formas diversas” etc. num sentido ideal, jamais lidaremos com uma história real – ela é sempre recontada, fantasiada, forjada e criada (Ibidem, p. 302).

O trecho resume o que o presente trabalho busca defender: que a objetividade dos textos jornalísticos, ditada pelos critérios que regem a imprensa tradicional, não representa que estes serão relatados em sua verdade total, pois os acontecimentos são sempre descritos a partir de visões e opiniões diferentes. Outra questão em discussão direciona-se para as mudanças de pontos de vista, as quais acrescentam ao texto um número maior de reflexões acerca do assunto discutido.

Com isso, Kapuściński deixa seu legado em histórias carregadas de subjetividade, detalhes e experiências das mais variadas situações defendidas pelo cidadão comum, aquele que é menosprezado pela alta sociedade, que sofre com as mazelas dos conflitos sociais e que sonha com algo para saciar a sua fome. Como o próprio autor se autointitulava, o porta voz dos sem voz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra *Minhas viagens com Heródoto* foi apresentada, neste artigo, com o objetivo de mostrar as características literárias presentes da narrativa de Ryszard Kapuściński. A partir disso, foi possível verificar de que forma os elementos da literatura podem contribuir

para a produção de conteúdo informativo. Esse material é resultado das experiências vividas pelo autor, as quais resultam nos inúmeros relatos repletos de detalhes, possibilitando a visualização do ocorrido por parte do leitor.

Para inserir o autor no presente estudo, foi retratada parte da trajetória profissional do polonês, com vistas a contextualizá-lo com a pesquisa. Ademais, a análise situa as demais conceituações e temas abordados referente à obra *Minhas viagens com Heródoto*, sob o prisma de teóricos da área. Logo, tais considerações referem-se a uma vertente teórica, o jornalismo literário, sob a obra de Ryszard Kapuściński, que trazem ao jornalismo alternativas que acrescentam qualidade, humanismo, contextualização e detalhamento da informação.

Diante disso, enfatiza-se as contribuições deste estudo aos conhecimentos do campo do jornalismo literário, até então, pouco conhecido. Foi possível verificar as inúmeras possibilidades de se produzir material jornalístico, ao levar em consideração o seu papel social na comunidade, quando este preza pela empatia com o cidadão. Pretendeu-se, ainda, viabilizar a contribuição para as linhas de pesquisa na área, visto que o trabalho apresentou conceituações e exemplos dessa atividade.

Perante o exposto, é inegável a utilização das características do jornalismo literário, por parte de Kapuściński, em suas produções jornalísticas com tamanha sensibilidade tanto na captação quanto na transcrição dos dados e informações, pois o que se conta foi vivido e sentido na pele do autor. Atrelado aos detalhes, o polonês comprova que é possível exercer um jornalismo de forma humana, que se importe com as pessoas e suas ações, mesmo que conceituadas como não noticiáveis pela imprensa tradicional. Dessa forma, espera-se que essa alternativa da atividade jornalística, assim como as demais que prezam pela qualidade da informação, não deixe de existir e continue sendo defendida pelos amantes da prática. Além disso, evidencia-se que o jornalismo possa ser mais que factual, mas que possa ser também poesia para os olhos de quem lê e escreve.

REFERÊNCIAS

BAK, J. S. Rumo a uma definição de Jornalismo Literário Internacional. **BJR**, Brasília, n. 3, v. 13, p. 136-161, dez. 2017.

BERGER, C. A verdade histórica, poética e transcendente do jornalismo de Kapuscinski. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 4, n. 1, 2007.

BORGES, R. **Jornalismo Literário**: análise do discurso. Florianópolis: Insular, 2013.

KAPUŚCIŃSKI, R. **Minhas viagens com Heródoto**. Entre a história e o jornalismo. SP: Companhia das Letras, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manoele, 2004.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A compreensão como método. *In*: KUNSCH, Dimas A. et al. **Comunicação, diálogo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2014, p. 17-37.

ORMANEZE, Fabiano. O gênero perfil à luz dos valores notícia: uma contribuição ao ensino de Jornalismo Literário. *In*: VI Encontro Paulista de Professores de Jornalismo, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ESPM, 2013.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SAMPIO, Dolors Palau. Kapuściński: guia para uma análise crítica das notícias sobre conflitos internacionais. **Comunicação e Educação**. Revista do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP, São Paulo, , n. 2, 2009.